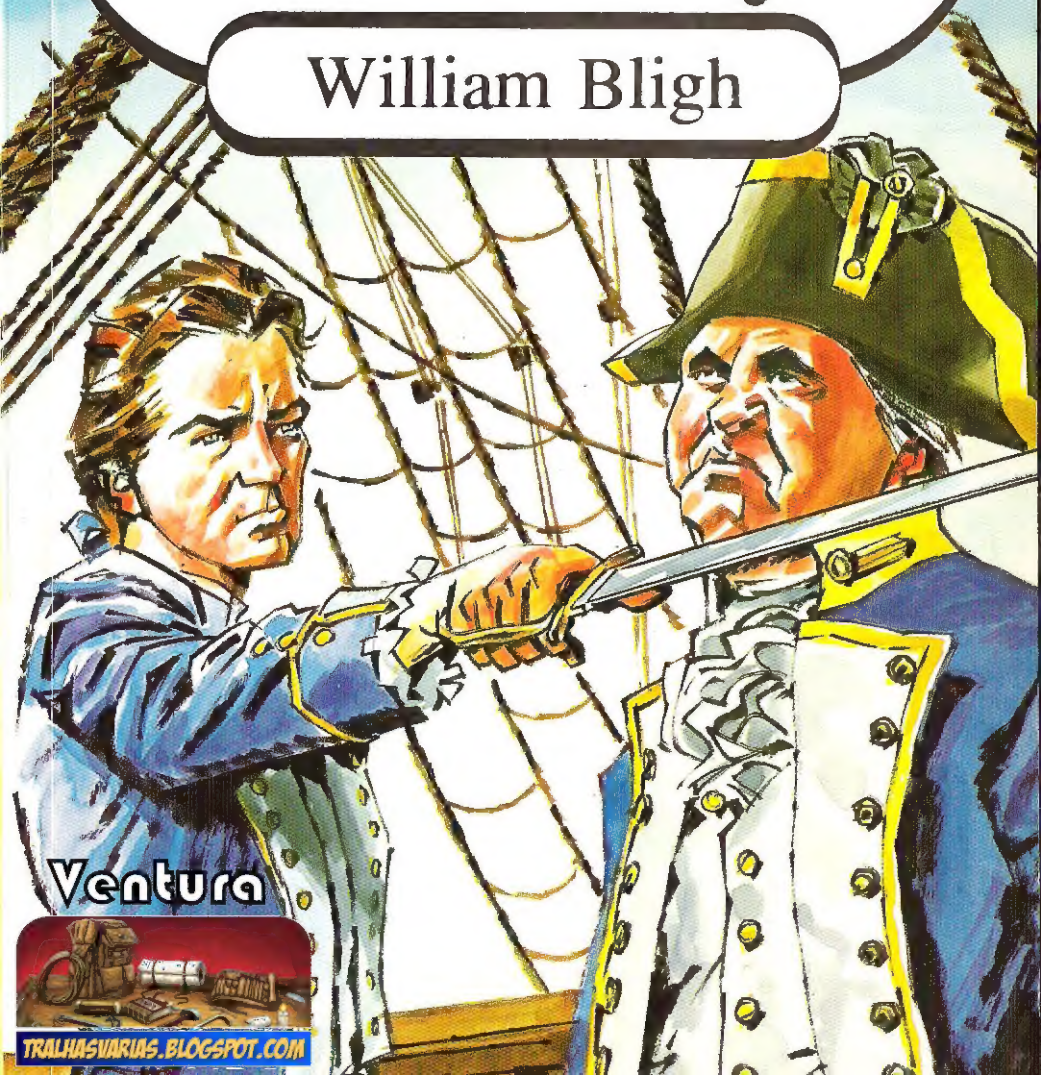


Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

A Revolta na Bounty

William Bligh



Ventura

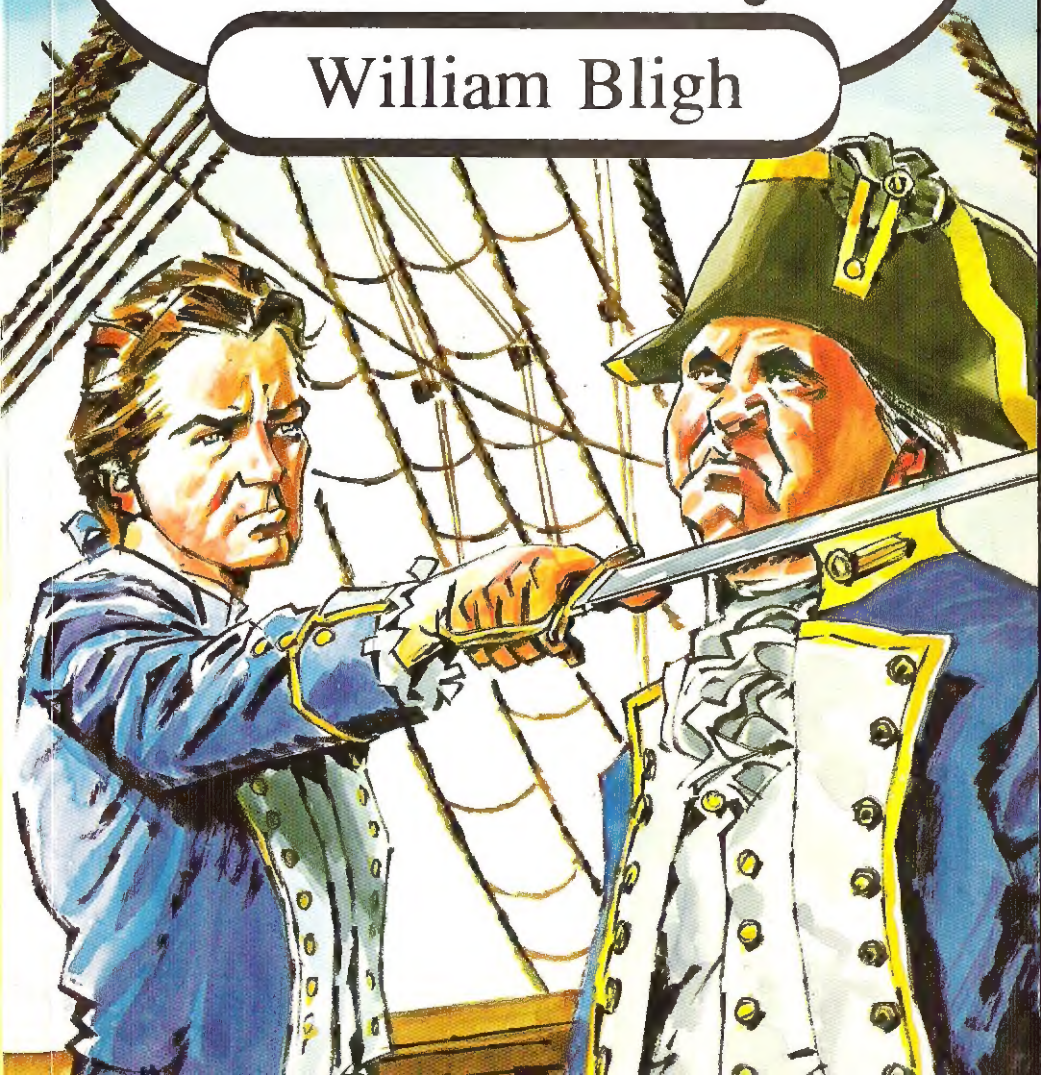


TRALHASVARIAS.BLOGSPOT.COM

Biblioteca RTP
Clássicos em Banda Desenhada

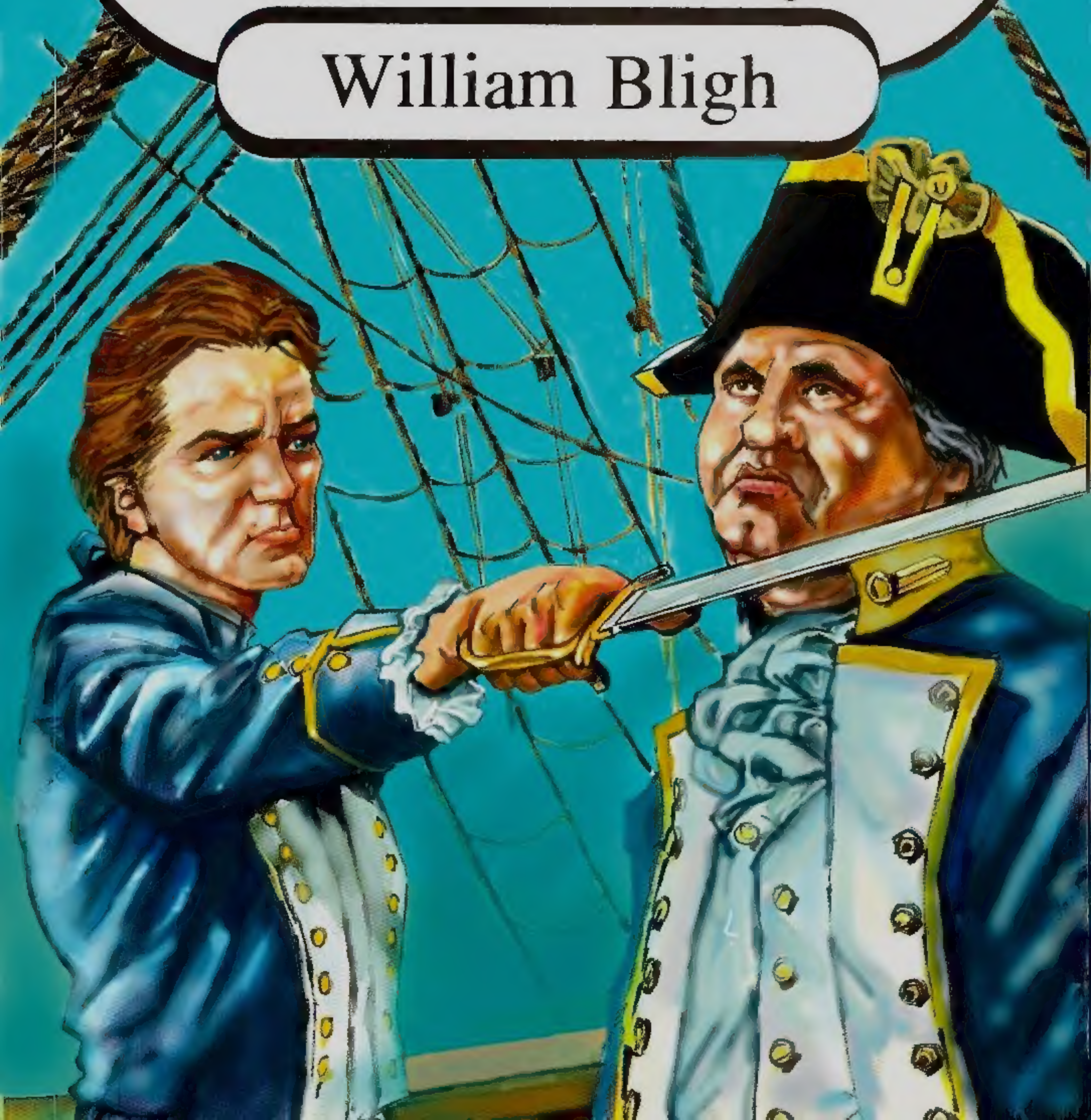
A Revolta na Bounty

William Bligh



A Revolta na Bounty

William Bligh



A sua missão é
levar um
carregamento
de pequenas
árvores de
fruta-pão
do Taiti para
as Índias
Ocidentais.



Sim,
senhor,
farei tudo o
que puder.

*David Nelson foi escolhido
como botânico* do navio.*



Muito
prazer.

Esperemos
que a
viagem
corra bem.

*Antes de
partirmos,
montaram-se
cavaletes
especiais
para arrumar
as plantas.*



Estas clarabóias,
durante a
viagem,
deixarão passar
o sol de que
as plantas
necessitam.

* pessoa que estuda e cuida das plantas

*Navegando
para Sul, no
dia a seguir
ao Natal,
surgiu uma
tempestade.*

O convés era varrido pelas ondas.

Depressa,
Mr. Christian!
Leve alguns
homens e
amarre estes
botes antes que
se percam.

*Não sei
como... mas
consequimos
salvar os
barcos.*

A 6 de Janeiro,
ancorámos em
Tenerife.
Mandei
Mr. Christian
contactar a
pessoa
responsável,
e começámos
a reparar
o navio.



Em seguida comprei mantimentos para substituir os que se tinham
perdido na tempestade.

Senhor,
estes pães
óptimos
custam só
25 xelins*,
cada 50 kg.



É duas vezes
mais caro que
em Inglaterra!
Não dou mais
que 15!

*Concluimos o negócio e rumamos para Sul.
Estávamos a 16 de Janeiro.*

Espero alcançar Taiti sem mais escalas.
Portanto, dê à tripulação apenas dois terços da ração diária de pão.



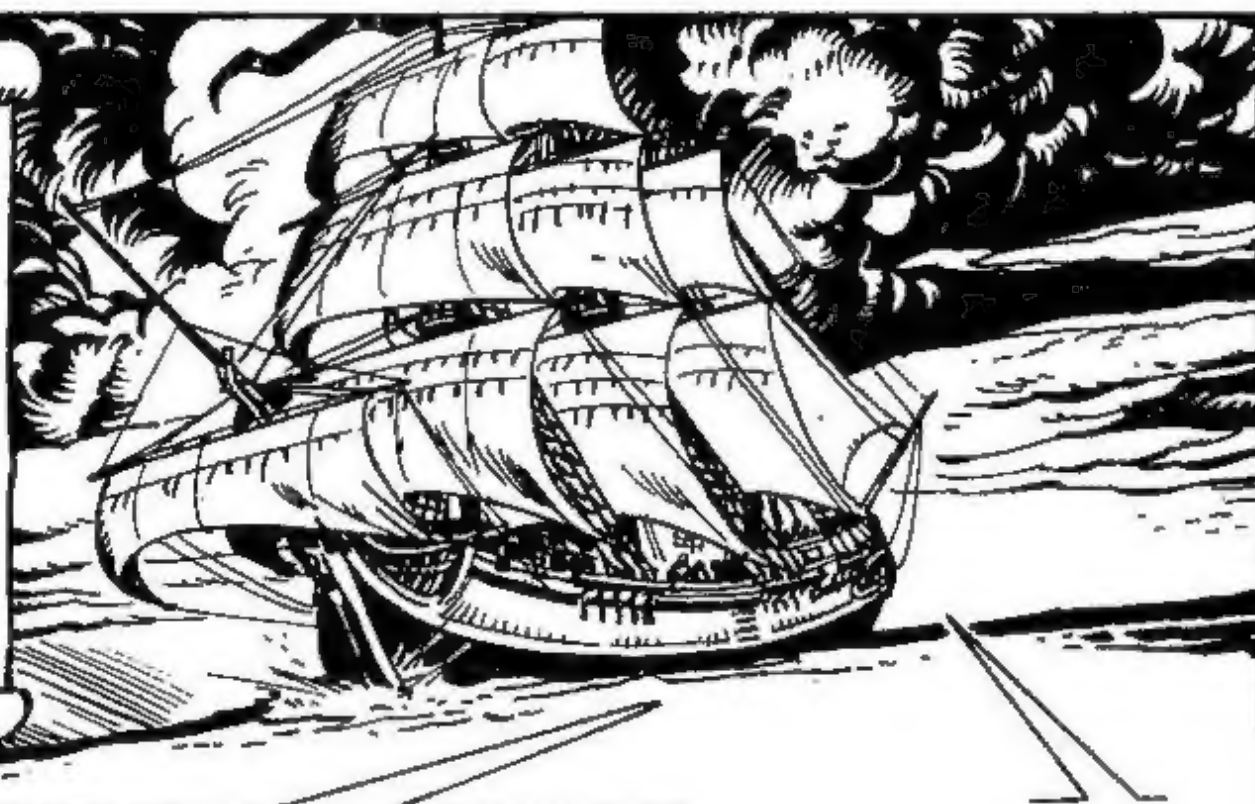
Sim,
senhor!

Mas ordenei que fossem dadas linhas de pesca aos homens.



Esta
noite
vamos
comer
bem,
camaradas!

*Sete dias depois, vimos nuvens.
Presságio de que em breve teríamos chuva.*



Apronte os barris, Mr. Christian!
Talvez seja possível recolher
alguma água potável.

Sim,
senhor!

De facto, no dia 29, caiu tanta chuva que recolhemos 3000 litros de água.



O tempo húmido manteve-se, de modo que mandei acender fogueiras para secar o interior do navio.

Isto impedirá que se crie mildio.*



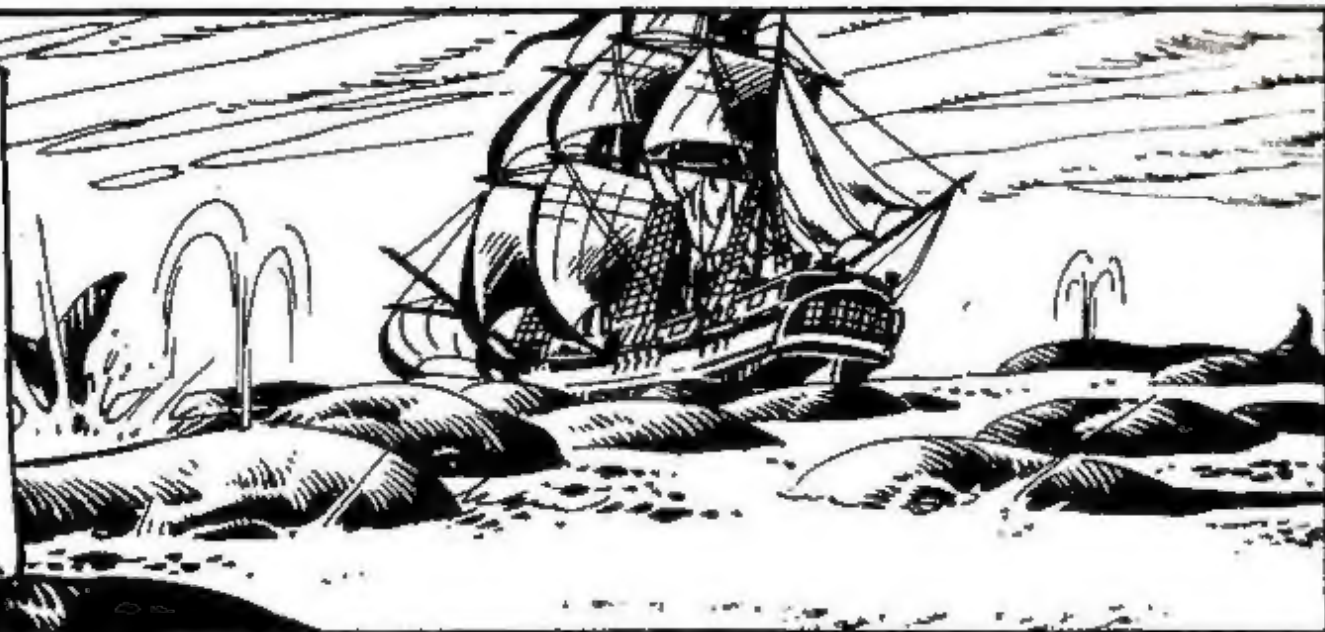
Quando o tempo melhorou, ordenei a substituição das velas do navio.



Necessitamos de velas novas e resistentes para os ventos fortes que se aproximam.

Sim, senhor. Este trabalho é agora mais fácil.

Próximo da América do Sul, avistámos grande número de baleias.



O tempo arrefeceu.

Mr. Christian, os homens que vistam roupas mais quentes.



Sim, senhor.

Um dia, o contramestre procurou-me.*



Um dos homens não quer obedecer, capitão.

Sim? Então, dê-lhe 24 chicotadas.

Até então, nunca castigara ninguém a bordo.



* oficial, abaixo do imediato

*Diariamente,
ao meio-dia,
verificava
a altura do Sol
no horizonte.
Assim
obtínhamos a
localização.*

*Estamos
a andar
bem,
Mr. Christian.*

*Avançámos
120 milhas
desde ontem.*

*A 20 de Março, avistámos
o porto de Ano Novo, ponto de
paragem favorito para os
navios nesta parte do mundo.*

*Ancoramos,
capitão?*

*Não, Mr. Christian.
Os tanques de água
estão cheios,
e a tripulação
de boa saúde.*

*Na proximidade da
Terra do Fogo*,
o mau tempo fez-me
recear ser já
demasiado tarde
para dobrar
a América do Sul.*

* região meridional extrema do subcontinente sul-americano

*Na manhã de 2 de Abril,
atravessámos a maior tempestade
que jamais vi.*

**Aguentem,
homens!
Mantenham
o navio contra
o vento!**



*O navio começou
a meter água.
De hora a hora,
dois homens revezavam-se
para o vazar.*



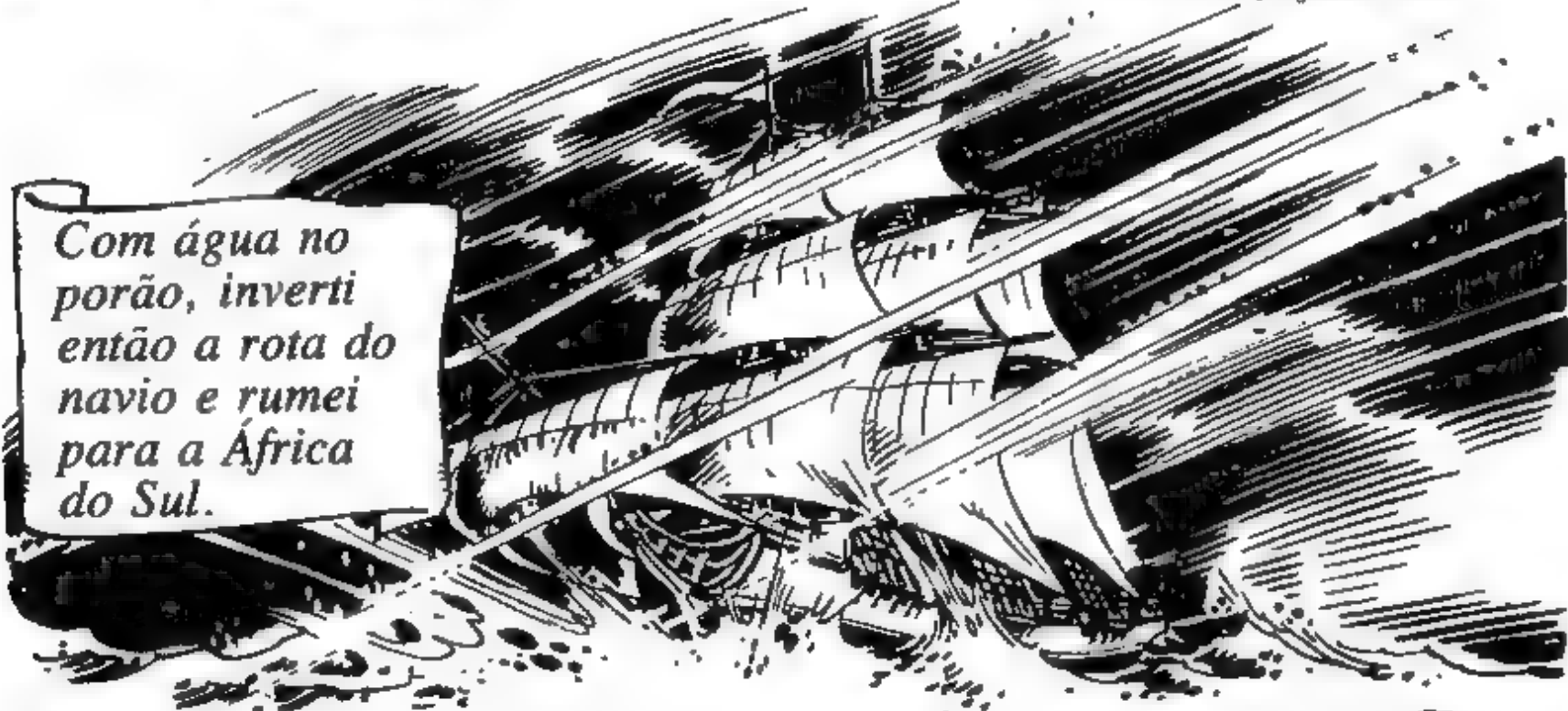
*O convés
onde dormiam
os marinheiros
meteu água.
Deixei alguns dos
homens pendurar
as camas no
compartimento
destinado
às plantas.*





A tempestade
continuou.
Quando
finalmente o Sol
apareceu,
tínhamo-nos
atrasado.

Um mês antes
teríamos
conseguido.
Agora é
impossível.



Com água no
porão, inverti
então a rota do
navio e rumei
para a África
do Sul.

Durante semanas tínhamos suportado frio e tempestades.



Temos oito
homens doentes,
capitão.

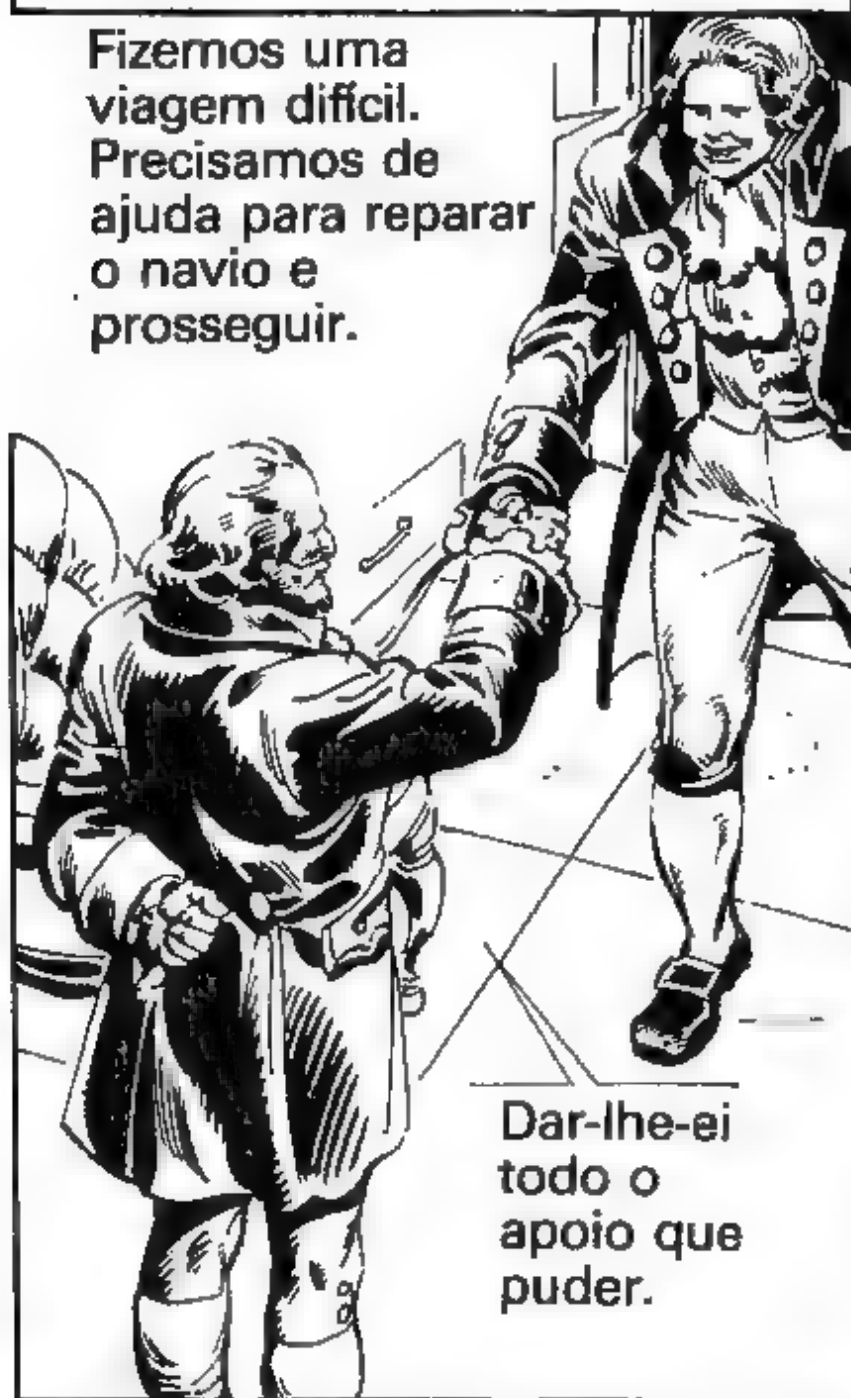
Anime-os,
Mr. Christian.
Descansaremos
um pouco no
Cabo da Boa
Esperança.

*Dois meses depois chegámos ao Cabo da Boa Esperança.
A 24 de Maio ancorámos na Baía de Simão.*



*Fui a terra falar
com o Governador*.*

Fizemos uma
viagem difícil.
Precisamos de
ajuda para reparar
o navio e
prosseguir.



Dar-lhe-ei
todo o
apoio que
puder.

As coisas começaram a melhorar.

Quero comprar
estas cebolas.
Por favor,
levem-nas para
o meu navio.



*Zelei para que os
homens dispusessem
diariamente de fruta
e legumes frescos.*

* pessoa responsável por um estado ou colónia

*Os trabalhos iniciaram-se de imediato.
O navio metia tanta água, que era necessária nova
calafetagem* em todo o casco.*



*Velas e cordame
têm também
de ser
substituídos.*



*Sim,
senhor.*

*Enquanto se faziam as
reparações, aproveitei para
comprar sementes e plantas,
que seriam úteis no Taiti.*



*O povo do Taiti
não possui
feijão deste.
Será uma boa
oferta.*

Reabastecido o navio,
e concluídas as reparações,
após 28 dias, levantámos
âncora do Cabo da Boa
Esperança.



Quase dois meses depois,
chegámos à Terra de
Van Diemen*.

Vamos aportar em Adventure
Bay para reabastecimento
de água e madeira.

Sim, senhor.



Tinha parado
aqui em 1777,
com o
comandante
Cook.

Desembarcámos
aqui há
dez anos!



* ilha ao largo da costa sueste da Austrália, chamada presentemente Tasmânia.

Uma parte da tripulação começou a levar água para o navio. Mas, para os restantes, eu tinha outros planos.

Estas árvores dão boas pranchas e vigas. Os homens que cavem um fosso para serrar.



Sim, senhor.



Em seguida cortámos pranchas para substituir a madeira utilizada na África do Sul a reparar o navio.

O trabalho era duro, mas os homens que ficavam a bordo também ajudavam pescando para todos.

Prefiro pescar a serrar madeira.



Aproveita enquanto é tempo. Em breve voltaremos ao mar!

*Duas semanas depois, navegámos de novo.
Faltavam dois meses para atingir o Taiti.*

Esta viagem
nunca mais
acaba.
Há quase um ano
que deixámos
Inglaterra!



Sim, rapaz, mas
em breve passarás
seis meses
naquele paraíso
que te farão
esquecer tudo.



*E assim
atravessámos
o Pacífico Sul.*

*Chegámos
finalmente
a Taiti.*

Que grande
viagem fizemos
para chegar
aqui!



Sim, pelas
minhas contas
navegámos
27.087 milhas.

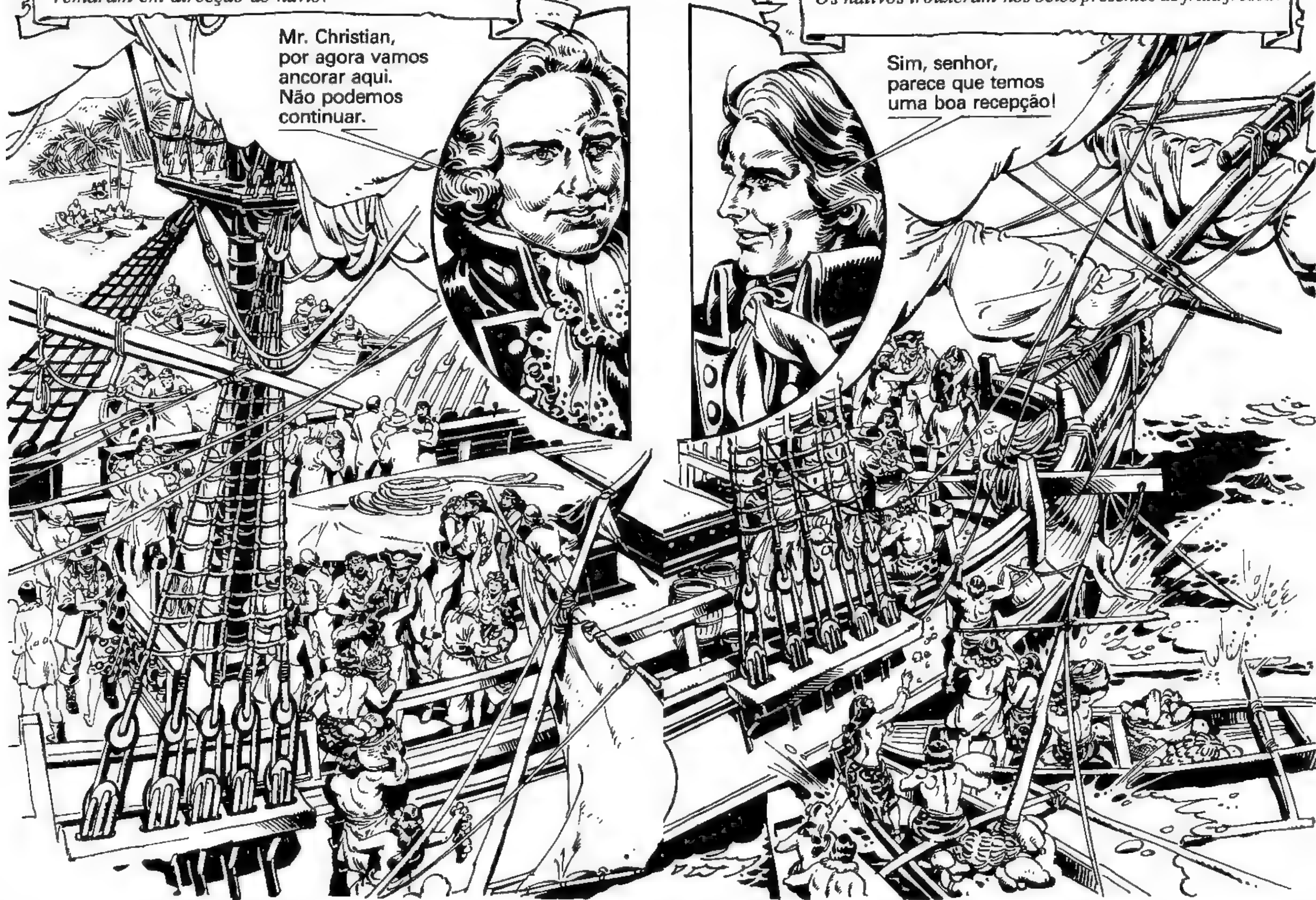
Ao aproximarmo-nos de terra, centenas de nativos remaram em direcção ao navio.

Mr. Christian,
por agora vamos
ancorar aqui.
Não podemos
continuar.



Os nativos trouxeram-nos belos presentes de fruta fresca.

Sim, senhor,
parece que temos
uma boa recepção!



*Dez minutos depois,
o convés estava tão cheio que
eu nem via os meus homens.*

Muito
obrigado.
São muito
gentis.



*Perguntei pelo homem
que era chefe quando o
comandante Cook cá estivera.*

Onde está
Otoo?



Anda a visitar
outra parte
da ilha,
mas já lhe
enviámos uma
mensagem.

*Ao cair da noite, os nativos
regressaram a terra.*

Nunca
presenciei
uma
recepção
como esta.

É verdade.
Esta noite a
tripulação
estará feliz.



*Na manhã seguinte, ancorámos próximo da praia,
antes que os nativos voltassem.*



*Vários
chefes
vieram
visitar-nos.*

*Sou Otow,
o pai de Otoo.
Ofereço-lhe esta planta
em sinal de amizade.*



*Eu sou o
capitão
Bligh.
Ofereço
estes
presentes
como
prova da
minha
estima.*

*Fui então
a terra com
o chefe
Poeeno.*



*Ele levou-me ao local onde
o comandante Cook ficara,
em 1777.*

*Pode armar aqui
as suas tendas.*



*Obrigado, Poeno.
Sinto-me feliz
por ter voltado
ao Taiti.*

*Em seguida,
demos um passeio.*



*Que belas
árvores de
fruta-pão!*

*Sim,
a natureza
é boa
para nós.*

*Fiquei contente
ao reconhecer
sinais da nossa
visita anterior.*

*Ah, abóboras
e cabras!*

*Sim, fizemos bom
uso dos presentes
que nos trouxeram.*



Em casa de Poeeno, fomos muito bem tratados.



Uma hora depois, levantei-me.

Tenho de regressar ao navio.

Primeiro, vamos vesti-lo à nossa maneira.

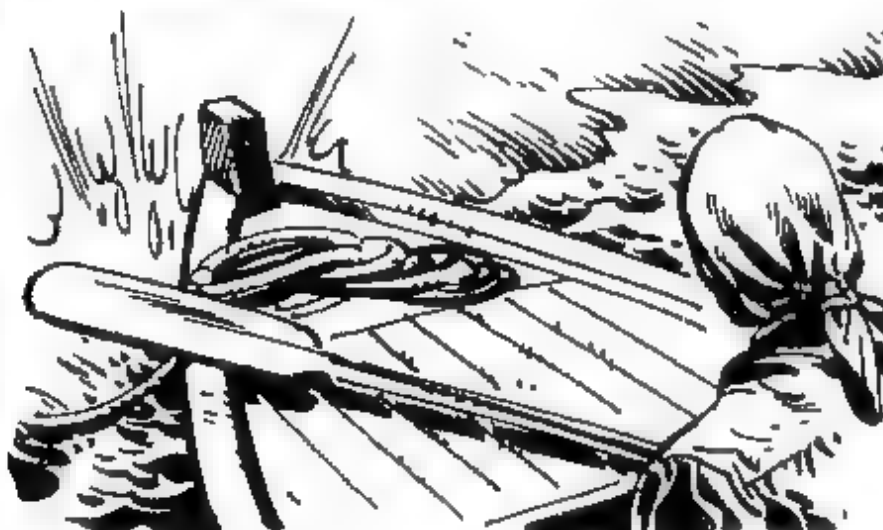


Na verdade, era muito mais fresco.



Obrigada por ter vindo à nossa casa.

Iremos visitá-lo a bordo.



Nessa tarde, um homem, veio a bordo
com um retrato do comandante Cook.
A moldura estava partida.

É o retrato
de Cook,
pintado
por Webber
em 1777!

Cook disse-nos
que o
mostrássemos
aos ingleses que
passassem aqui.



É um sinal de amizade.
Vou dar-te um presente.
Venha cá,
Mr. Christian!



Mr. Christian!

Ah...
Sim, senhor.
Desculpe.

Dê umas contas a este
homem e mande
consertar a moldura
deste retrato.



Na manhã seguinte, recebi uma mensagem de Otoo.

Mr. Christian,
vá a terra
num barco e
traga o Otoo.
Depressa!



Sim, senhor!

Otoo regressara da sua visita a outra parte da ilha.

Que prazer
em voltar a
vê-lo, Otoo!

Este é
um dia feliz,
Bligh!



Otoo apresentou a sua mulher. Tocámos os narizes, a sua maneira de exprimir amizade.

Muito bem.
Agora digam os vossos nomes,
e ficarão amigos para sempre.





Bligh.

Iddeah.



Otoo trouxera muitos amigos,
e eu dei presentes a todos.

Obrigado
pelos presentes.
Agora mostra-nos
onde dormes.

Sim,
sirvam-se...



Embora
contrariado,
levei Otoo
e Iddeah
ao meu
camarote.

Olha, Otoo!
Mais presentes!

*Convidei-os
a todos
para
almoçar.*

*Gostamos
muito de
o ter cá.*

*E eu gosto de
estar cá.
Mas tenho de
pedir-lhe um
favor, Otoo.*



*E assim, procurei Nelson,
o botânico.*

*O Rei George
quer que lhe
leve algumas
árvores de
fruta-pão.*

*Bligh,
meu amigo,
leve quantas
quiser.*



*Leve dois
ajudantes,
e instalem-se
em terra.
Comece a recolher
as árvores de
fruta-pão.*



Indiquei-lhe o caminho para o local que Poeno me mostrara.

Veja, arranjei uma ajudante.

Vai ser maravilhoso passar um tempo nesta ilha lindíssima!



Estou a ver... Ela sabe cozinhar?

Fiquei muito surpreendido quando visitei o acampamento de Nelson.

Não quer almoçar connosco?



Bem... Com certeza!

Vendo que o principal objectivo da viagem estava a ser cumprido, pus-me de novo a caminho para visitar Poeno.



Bem vindo!
Bem vindo!



Que bom voltar
a vê-lo,
amigo Poeno!



Tem aqui um bom sítio
para fazer uma horta,
Poenno.
Trouxe-lhe sementes
de melão, pepino e
alface, para plantar.

Não conheço
essas coisas!

O que é melão?
Já tenho comida
que chegue.

Estas
sementes
vão dar
coisas
novas e
diferentes.



Mas tem de cuidar
da horta, e colher
sementes para
plantar no ano
que vem.

Nós
deixamos
que as
coisas
cresçam
por si.
Mas com
estas farei
como me
diz.



Óptimo!
Virei
visitá-lo
outra vez.

Passaram-se semanas, meses. Fui visitado pelos grandes chefes de toda a ilha.



Nunca deixei de lhes dar presentes.

Você e os seus homens serão sempre bem recebidos aqui.



Visitei muitos lugares bonitos.

Esta queda de água é como a nossa amizade por si: eterna.

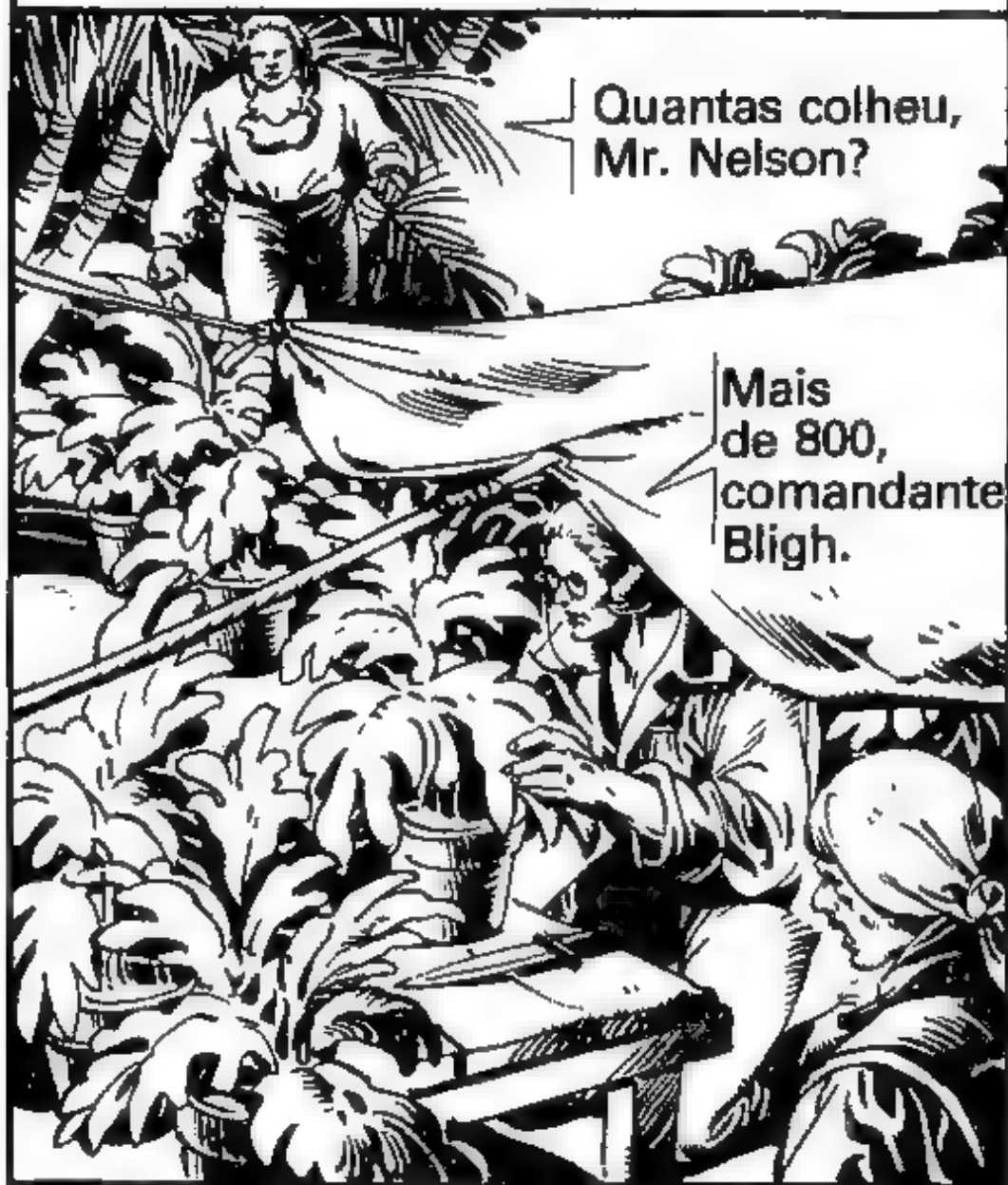


*Não passava uma semana
sem que houvesse
uma festa.*



*Em breve todos tinham
esquecido a longa viagem.*

Entretanto, a colheita das plantas de fruta-pão, prosseguia.



Quantas colheu, Mr. Nelson?

Mais de 800, comandante Bligh.

Seria melhor começar a mandá-las para o navio.



Vou tratar disso imediatamente.



Os homens tinham aproveitado bem o descanso, mas era tempo de voltar ao trabalho.

Tradução de Ana Diniz

Copyright © 1979, 1986 by Pendulum Press, Inc. (United States of America)

**Todos os direitos reservados para a publicação desta obra em Portugal pela
EDITORIAL PUBLICA, LDA.**

Av. Poeta Mistral, 6-B — 1000 Lisboa

Capa: José Antunes

Revisão gráfica: António Marques Francisco

Composto por Textype — Artes Gráficas, Lda.

Impresso por Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda.

Edição n.º 524

Acabado de imprimir em Junho de 1986

Depósito Legal n.º 11 258/86



O Autor

O capitão William Bligh nasceu em Plymouth, Inglaterra, em 1754. Fez-se ao mar aos 16 anos onde aprendeu a dureza da vida. Apesar da má comida, das horríveis condições de vida e do trabalho interminável, o jovem Bligh aprendeu ainda assim a amar o mar. Após cinco anos, viajou com o capitão Cook, o famoso explorador inglês que procurava uma nova rota para a Índia. Com ele aprendeu a arte de navegar, que tão útil lhe foi após a revolta na Bounty.

A história da Bounty é verídica e os factos, tal como Bligh os apresenta, são, no essencial, correctos. Mas é também verdade que Bligh era um comandante rude, conhecido pelos severos castigos que infligia à tripulação.

Mas seja qual for a sua personalidade, sabemos que sobreviveu ao motim e que tornou a navegar. Com efeito, a última viagem atribuída a William Bligh, destinava-se também a ir buscar fruta-pão.



Desculpe,
Mr. Christian...

Dê ordens aos
homens para
começarem a
levar as plantas
para o navio.



Sim,
senhor!

*Fui para o navio e o trabalho começou.
Mais tarde, voltei a terra.*

Isto é demais!
Diga aos homens que
têm de ser eles a fazer
o trabalho.



Mas o capitão
disse-nos que
devíamos
tratar os
nativos como
amigos.

Quero todos os
homens a bordo
esta noite.
É uma ordem,
Mr. Christian.

Sim,
senhor!



*Como o compartimento
começava a encher-se de
plantas, a nossa visita ao Taiti
estava a chegar ao termo.*



Dentro de um mês
teremos as plantas
todas a bordo.

Óptimo!
Vou preparar
o navio para
a viagem.

A partir
de agora,
só irão a terra
Mr. Nelson
e os homens
necessários para
o ajudarem.



Sim,
senhor!

E assim se começou a preparar o navio para o regresso.

Custa muito voltar a trabalhar depois de tanto tempo de paraíso.



Sim, mas a vida de um marinheiro é assim mesmo.

Certa manhã recebi uma má notícia..

Durante a noite, três marinheiros foram para terra.



Arranjem-me um bote. Vou a terra falar com Otoo.

Tenho de encontrar os homens. Têm de regressar a Inglaterra comigo.



Eles são bem-vindos aqui, mas posso ajudar a procurá-los.

Otoo soube que eles tinham ido para uma aldeia próxima.

A nossa gente não os forçará a partir. Além disso, estão armados.

Compreendo, Otoo. Irei eu mesmo.



Entreguem-se! Vocês não são nativos, são marinheiros ingleses.

Ouvindo isto, eles entregaram-se sem resistir.

Tratarei de vos dar um castigo o menos grave possível.



Quando chegarem a bordo, dê quarenta chicotadas a cada um.

Sim, senhor.



Depois de carregadas as plantas, foi a vez dos mantimentos.



Antes de partirmos, convidei os nativos a trazerem a bordo todas as ferramentas que precisassem de reparação.



Despedi-me dos meus inúmeros amigos...

Não parta, Bligh. Desejaríamos que ficassem cá para sempre.

Foram todos muito bons para nós, e nunca vos esquecerei. Mas temos de concluir a missão de que o Rei nos incumbiu.

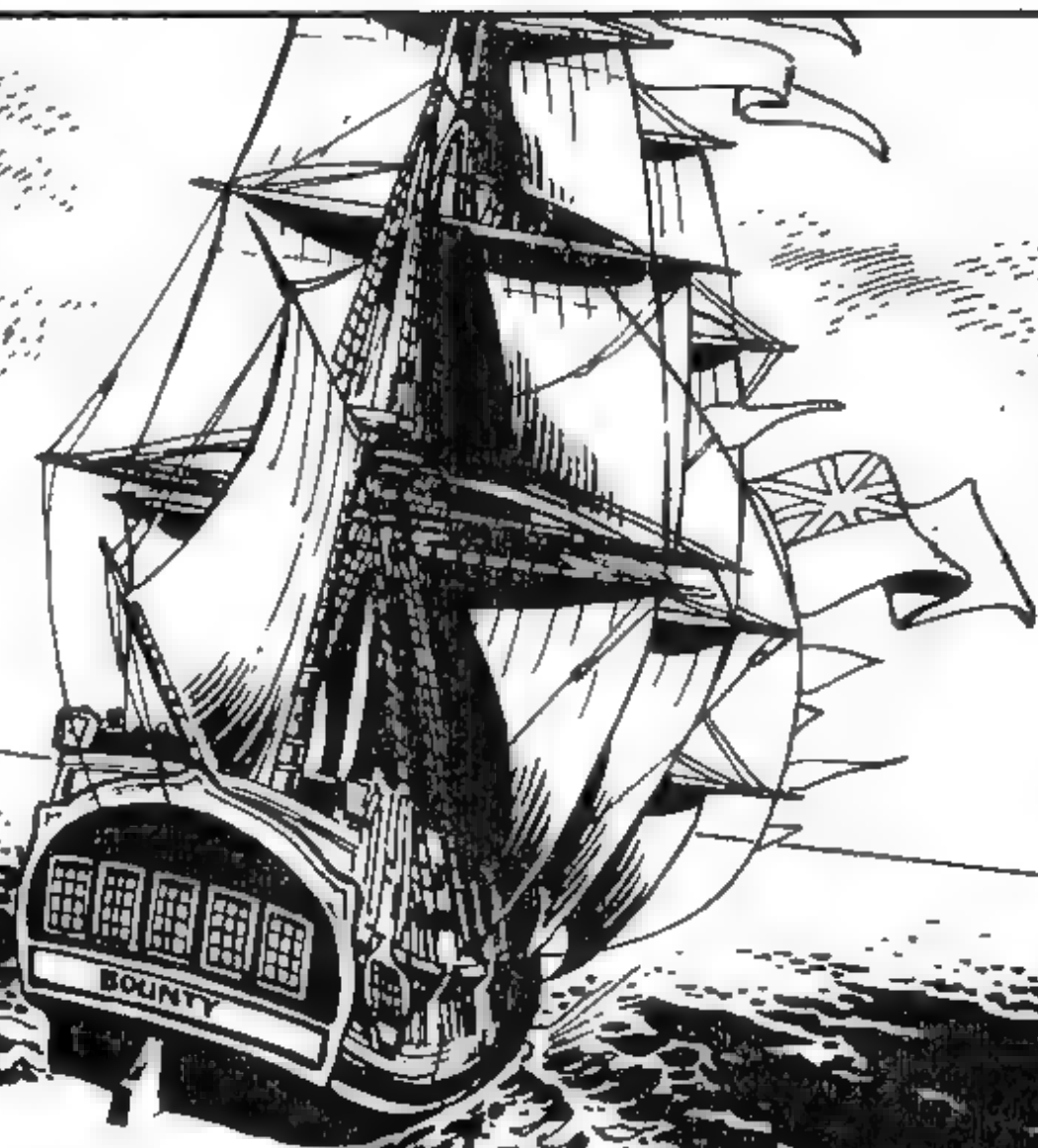


*Assim, após vinte e três semanas em Taiti,
içámos as velas.*

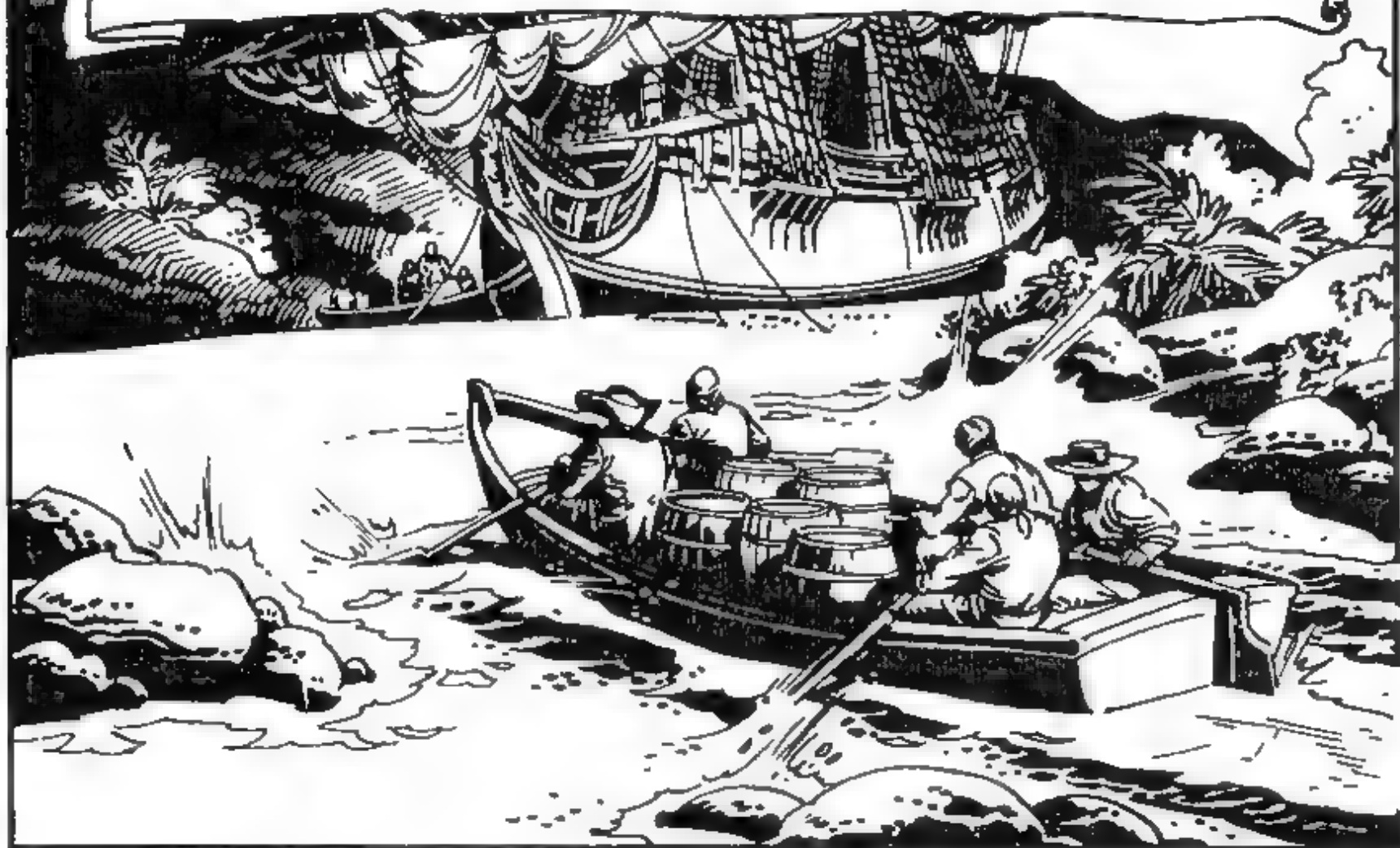


*Otoo pedira-me que disparasse os canhões quando
partíssemos, mas receei que isso prejudicasse as plantas.
No entanto, todos os homens uniram as vozes
para lhes dedicar três saudações.
Afastámo-nos por entre um mar de rostos sorridentes.*

*Rumámos a
Oriente.
Iamos
atravessar o
Pacífico,
contornar a
América do Sul
e em seguida
navegar para
Norte, em
direcção
às Índias
Occidentais.*



*Semanas depois, parámos numa ilha, onde passámos dois dias
a recolher lenha e água para a longa viagem que nos esperava.*





Uma tarde, quase fomos atingidos por uma tromba-d'água.*

Nunca tinha visto uma tão perto!

Espero que não voltemos a ver.



Mas o tempo estava bom e o vento soprava a nosso favor. Na verdade, tudo parecia correr bem.

* massa de água, que se eleva em coluna formando remoinho



Até que, uma madrugada, fui acordado...

Nem uma palavra, ou é um homem morto!

Obrigaram-me a subir ao convés.

Fui arrancado da cama, e prenderam-me as mãos atrás das costas.



Que significa isto?



*A maior parte dos marinheiros tinha armas.
O resto da tripulação, os cozinheiros, os carpinteiros,
Mr. Nelson e os criados, tinham sido reunidos junto à amurada.*



Serão enforcados
por isto!

Talvez, mas se não
se calar, será morto
imediatamente.

Puseram
mantimentos
no barco deles?



Sim,
senhor.

Então,
desçam-nos.
Vamos acabar
com isto.



*Quando o barco estava na água,
mandou-nos descer.
Nesse momento, dois marinheiros
gritaram...*



Por favor,
ajude-nos!

Queremos
ir consigo.

Vocês ficam
no navio.
Agora o
comandante
sou eu.



É assim que
retribui a minha
confiança
em si,
Mr. Christian?



Isso, é o que
me preocupa,
capitão.
Mas o senhor
nunca
compreenderia
as minhas
razões.

Viva
o Taiti!



Não é difícil
prever
para onde vão.

*Eu não podia ter adivinhado que se preparava um motim.
E agora, encontrava-me num bote, com dezoito homens,
a milhares de milhas de qualquer porto conhecido.*



*Tinham-nos dado pão,
carne de porco, vinho e água.
Mas, para sobrevivermos,
precisaríamos de muito mais.*

Ruma um pouco
mais para Sul.
Devemos estar
perto da ilha
Totoa.



*Aí, esperava encontrar
fruta, pão e água.*



*Não havia um sítio seguro para acostar.
Mas largámos a âncora o mais perto possível,
e alguns dos homens nadaram para terra.*



*A única água fresca que
encontrámos foi a das pequenas
poças de chuva.
Recolhemo-la, para juntar
à que ainda tínhamos.*



Encontrámos também bananas.

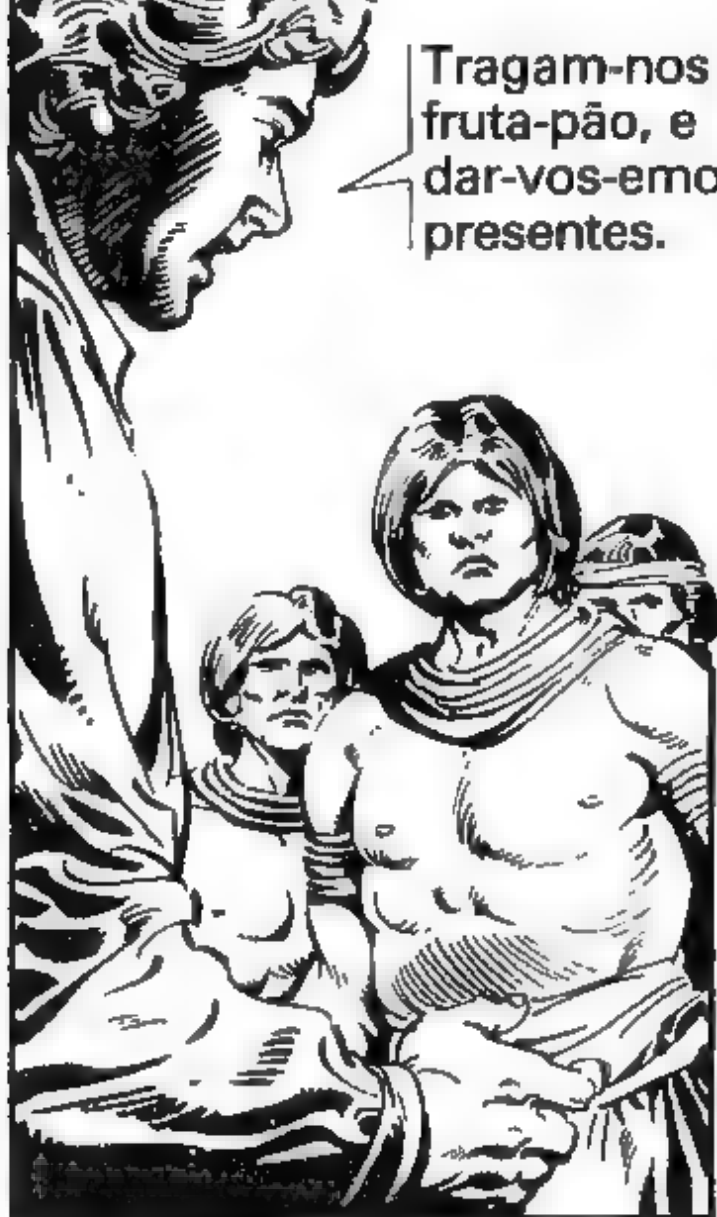
*São
pequenas,
mas
saborosas.*



*Pouco depois,
apareceram alguns
nativos.*

*Tragam-nos
fruta-pão, e
dar-vos-emos
presentes.*

*Trouxeram-nos fruta-pão,
que eu mandei logo para o bote.
Entretanto, juntava-se muita gente.*



*De repente,
alguns
deles
atacaram.*



*Mandei os homens
retirar, mas nem
todos tiveram sorte.*

*Perdeu-se
um homem.*



*De novo partimos, com mais comida para o
estômago, mas mais tristeza no coração.*

*Estamos a cerca
de 3600 milhas
de Timor*.*



*Vamos para lá,
então.
Já fizemos
viagens maiores.*

*Para lá
chegarmos
vivos,
teremos que
nos bastar
com um
pouco de
pão e meio
copo de água
por dia.*

*Faremos o
que nos
ordenar,
capitão
Bligh.*



*E assim, dezassete homens,
num barco de sete metros,
iniciaram uma viagem que
parecia impossível.*

* ilha junto da Indonésia

Logo no primeiro dia, enfrentámos uma tempestade terrível.



Tivemos de baldear água durante todo o dia para o barco não se afundar.



O Oceano Pacífico costuma ser quente e soalheiro, mas não tardámos a ficar todos gelados e encharcados. Passaram muitos dias antes que nos sentíssemos melhor.

*Sem mapas nem relógio,
naveguei o melhor que pude.*



Rumo a
Noroeste.
Devemos
estar a
chegar a
algum sítio.

*Chovia frequentemente, e nós
recolhemos mais água para beber.
Mas o ar frio tornava-nos rígidos.*



*Um dia, avistámos umas ilhas. Quatro barcos largaram
da costa, mas regressaram quando nos afastámos.*

Talvez
sejam
amigos e
nos ajudem.

Talvez.
Mas, fracos
como estamos,
não podemos
arriscar.



*Finalmente,
alcançámos
umas ilhas
onde
pudemos
desembarcar
com
segurança.*

*Olhem!
Ameijoas
e ostras!*



*Apanhámos o
suficiente para
uma boa
refeição.
Essa noite foi
bem diferente
das anteriores.*

*Que bom
que é estar
ao pé da
fogueira!*



*Na manhã seguinte, apanhámos todas as ameijoas e ostras
que pudemos e partimos.*



*Navegámos dias e dias seguidos.
Às vezes, um dos homens
apanhava uma ave ou um peixe.*



*Mas em geral, só tínhamos
pão e água.*



O seu
almoço,
Mr. Nelson.

Obrigado.



*Muitas vezes
desejei poder
dar mais
comida aos
homens,
mas tinha de
a fazer durar
o mais
possível.*

Passaram-se semanas. Ficámos fracos e escanzelados, mas continuámos.



Finalmente, já só nos restava comida para uns dias.

**Olhem!
Terra!**

**Deve ser
Timor!**



Não é possível descrever a alegria que sentimos.



**Para o Sul.
Julgo que aí
encontraremos
auxílio.**

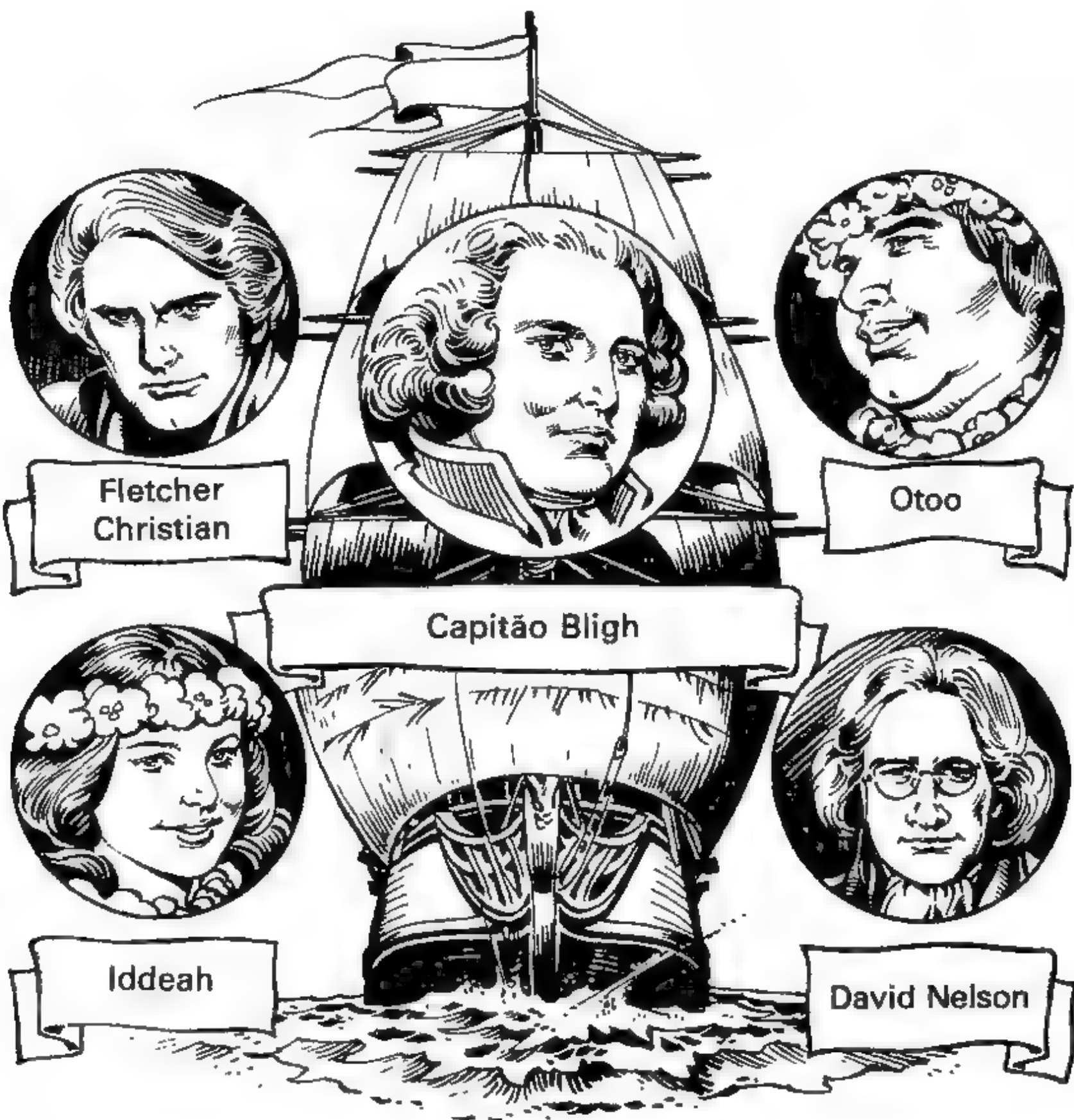
William Bligh

A Revolta na Bounty

Adaptação
JOHN NORWOOD FAGO

Ilustração
RUDY FLORESE

Produção
VINCENT FAGO



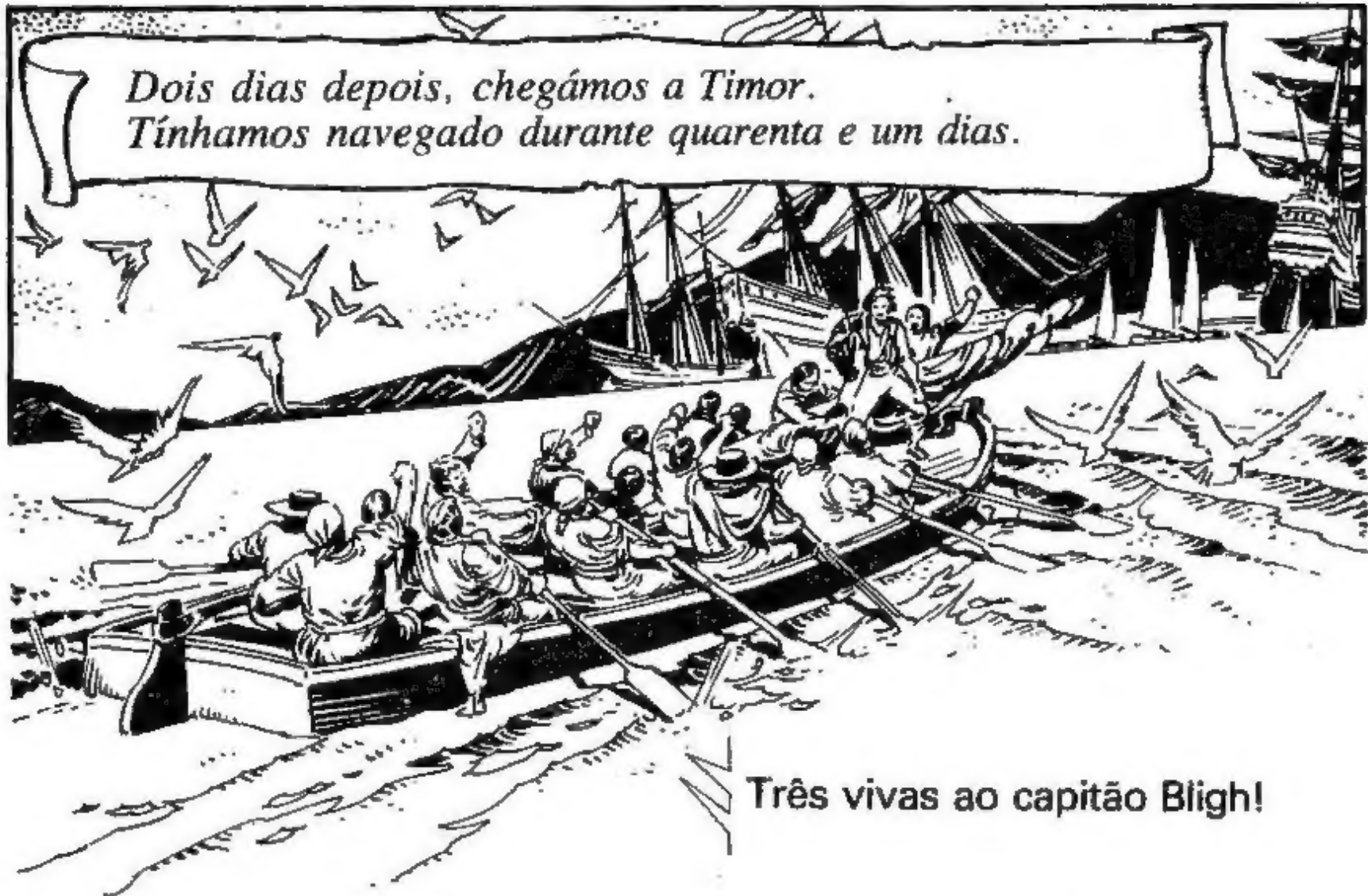
*Em 13 de Dezembro de 1787, eu, capitão William Bligh,
desci o canal de Sta. Helena.
O meu veleiro era a H.M.S. Bounty e o meu imediato,
Mr. Fletcher Christian.*

*Mantenha
o rumo,
Mr. Christian!*

*Sim,
capitão.*

*A nossa missão
era circum-navegar
metade do globo
e carregar plantas
de fruta-pão
em Taiti*.*

*Dois dias depois, chegámos a Timor.
Tínhamos navegado durante quarenta e um dias.*



Três vivas ao capitão Bligh!



*Estávamos reduzidos a pele e osso, e cobertos de farrapos.
Empanturrámo-nos, sob o olhar de espanto dos habitantes
da ilha.*

O Governador de Timor fez tudo o que pôde para nos ajudar. Certifiquei-me de que os meus homens estavam bem entregues, e parti no primeiro navio para Inglaterra.



*Que alegria senti ao voltar a ver o meu país!
Não sei o que aconteceu a Mr. Christian, à Bounty e às plantas.
E na verdade, eu só esperava nunca mais ver
uma árvore de fruta-pão!*

FIM



*Em Agosto,
foi chamado
ao escritório
do meu velho
amigo,
Sir Joseph
Blanks.*

William,
foi escolhido para
uma importante
viagem.

Obrigado.
Para onde vou?



Para o sul
do Pacífico.
Queremos que vá
às ilhas onde
já foi com o
capitão Cook*.

Até aqui, as viagens
a estas paragens têm sido de
exploração, mas agora
queremos algo de utilidade
imediata.



* navegador e explorador inglês conhecido pelas suas inúmeras viagens

E o
que é?

A árvore de
fruta-pão.



Nas Índias Ocidentais*
precisamos de comida
para os trabalhadores.
Cremos que a fruta-pão
pode também
desenvolver-se
naquelas ilhas.



Logo que o navio esteja pronto,
queremos que contorne a
América e atravesse o Pacífico
até Taiti.



Mas a época
das
tempestades
aproxima-se.

Se for necessário,
pode inverter o rumo,
e ir pela África.



* ilhas da costa sul da América do Norte